



UNICAMP

EVENTO:	FESTIVAL MUSICA NOVA
VEÍCULO:	FOLHA DE S. PAULO
DATA:	02/08/97
PÁGINA:	04
SEÇÃO:	ILUSTRADA



Festival Música Nova ganha apoio privado

IRINEU FRANCO PERPETUO
especial para a Folha

O mais antigo festival de música contemporânea da América Latina resolveu se profissionalizar. A 33ª edição do Festival Música Nova, que acontece de 2 a 22 de agosto, nas cidades de São Paulo, Santos e Campinas (SP), marca uma virada na história do evento. Pela primeira vez, a iniciativa privada entra com apoio decisivo. Além de fornecer a infra-estrutura para a organização, o Instituto Cultural Itaú deve pagar R\$ 115 mil dos R\$ 161 mil estimados como custo do festival.

O restante das despesas fica por conta da Prefeitura de Santos e da Secretaria Estadual da Cultura. “Não há outra alternativa”, afirma o compositor Eduardo Guimarães Álvares, que está incumbido de coordenar o festival. “Se o Itaú não tivesse entrado na

história, o Música Nova teria de ser cancelado.” O festival também resolveu abandonar o caráter militante e funcionar como um “painel eclético do fim-de-século”, como define seu coordenador.

Tradição e inovação

Os programas dos concertos procuram fazer uma ponte entre a tradição do século 20 e a inovação. Embora tenha sido importante por divulgar em primeira mão compositores como Cage, Stockhausen e Boulez, além de estimular a produção nacional, o Música Nova, por seu radicalismo estético vanguardista, vinha perdendo público e espaço na imprensa.

“Patrulha ideológica é o fim da picada”, diz Álvares. “Você tem de ser honesto e dar espaço a todas as tendências e correntes, mesmo que não goste delas.”

Sintomático é o concerto do Laboratório de Interpretação Musi-

cal de Madri, do compositor clarinetista Jesus Villa-Rojo, que procura abranger os principais autores espanhóis de nosso século, desde Manuel de Falla (1876-1946) até o próprio Villa-Rojo.

Outras atrações internacionais importantes no evento são o clarinetista Alain Damiens, do Ensemble InterContemporain, da França, e o Spectra Ensemble, da Bélgica, com um programa atraente que inclui o concerto para piano de Ligeti e “Rosa dos Ventos”, de Mauricio Kagel, argentino radicado na Alemanha.

Entre os brasileiros, os destaques são o pianista Paulo Álvares, que faz as primeiras audições brasileiras de obras da compositora russa Galina Ustvolskaia, 78, e os percussionistas Carlos Tarcha e Joaquim Abreu, do Duo Diálogos, que, com o francês Thierry Miroglio, formam o Trio Franco-Brasileiro de Percussão.

Novo Horizonte abre evento hoje à noite

especial para a Folha

O Grupo Novo Horizonte, de São Paulo, faz hoje, às 20h30, no Instituto Cultural Itaú, o primeiro concerto do Festival Música Nova. Com dez anos de existência e participação ininterrupta no festival, é a terceira vez em que o grupo é convidado para abrir o evento.

O programa é um pouco diferente: além de estréias de obras de autores vivos, o grupo mostra um clássico do século 20, o americano Aaron Copland (1900- 1990). “Um

concerto que tenha apenas linguagem vanguardista cansa”, explica o líder do grupo, o regente inglês radicado em SP Graham Griffiths.

Contraste

“A idéia é mostrar o contraste entre gerações e estilos musicais”. O Novo Horizonte toca a obra mais popular de Copland: o balé “Appalachian Spring”, de 1944.

Mas, em vez da conhecida versão para orquestra sinfônica, o grupo apresenta a peça em seu formato original, que é o concebido para

orquestra de câmara, feito pelo compositor para a companhia de dança de Matha Graham.

“A alma da obra se revela nessa versão”, diz Griffiths. “A música é muito transparente e realmente não precisa de todo o aparato de uma sinfônica.”

Na segunda parte, o tonalismo é abandonado: voltamos ao ambiente tradicional do Música Nova, com três obras de Roberto Victorio, compositor carioca de 38 anos radicado em Cuiabá (MT) (IFP).



Ensaio do Grupo Novo Horizonte, regido pelo inglês Graham Griffiths (foto), que toca hoje no Música Nova

Caio Pagano já emprestou seu Steinway

especial para a Folha

O paulista radicado nos EUA Caio Pagano é um dos fregueses mais habituais do Festival Música Nova. Desta vez, ele dá recital de piano solo dia 5, no Instituto Cultural Itaú, e dia 13, no Teatro Municipal de Santos.

“Participo do festival desde o início”, diz. “Toquei todas as obras para piano de Schoenberg —muitas delas, em primeira audição brasileira”, lembra.

Pagano também estreou os concertos para piano de Gilberto Mendes e Willy Corrêa de Oliveira, e, em duas edições do evento, chegou a emprestar seu piano para o Música Nova. “Gilberto Mendes me dizia que o festival era pobre, mas eu não me importava com o cachê. Só o que me incomodava era tocar naquele piano ruim que eles tinham em Santos, e eu acabei emprestando o meu Steinway.”

O pianista toca um programa bem variado que, surpreendente-

mente, começa com o prelúdio das “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Villa-Lobos. “Começo assim para estabelecer o paradigma do instrumento”, afirma. “Com Villa-Lobos, estou dizendo: isto é um piano. O passo seguinte é mostrar o que se pode fazer com ele.”

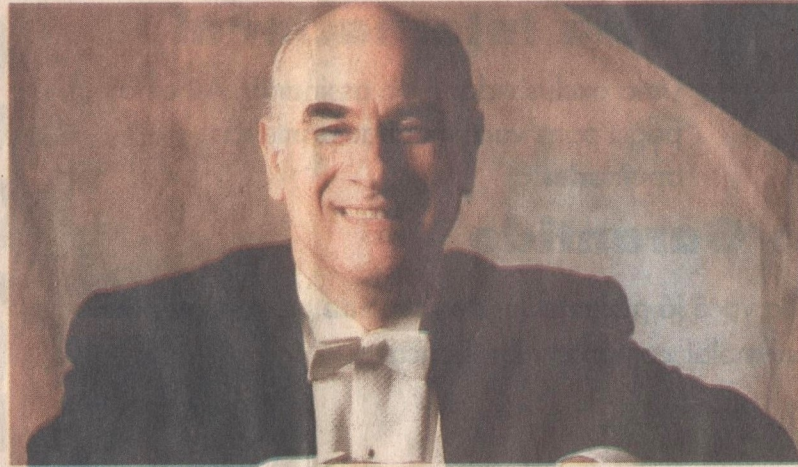
O concerto destaca ainda “Wasserklavier”, do italiano Luciano Berio, além do terceiro volume das “Cartas Celestes”, de Almeida Prado, e “Vento Noroeste”, de Gilberto Mendes. (IFP)



Eduardo Guimarães Álvares, coordenador do 33º Festival Música Nova



O compositor Gilberto Mendes, criador do Festival Música Nova



O pianista Caio Pagano dá recital de piano nos dias 5 e 13 de agosto

Mendes nega rigidez estética

especial para a Folha

Criador do Música Nova, o compositor Gilberto Mendes não pretende utilizar a edição 97 do festival para celebrar seus 75 anos —que ele faz em 13 de outubro.

“Não sou muito dado a essas coisas”, diz. “Essa idade toda me assusta, ainda mais porque eu não me sinto com ela.”

Mendes continua ativo. Entre muitas encomendas, está trabalhando na ópera “Issa”, com libretto de Décio Pignatari.

Depois do sucesso de “Gilberto Mendes - Chamber Music”, lançado em 1996 pelo selo Vox Temporis, o Spectra Ensemble, da Bélgica, já está preparando um segundo CD com obras do compositor.

Em entrevista exclusiva à **Folha**, Mendes relembra a criação do festival em 1962, na cidade de Santos, onde reside até hoje. (IFP)

Folha - Como surgiu o nome Música Nova?

Gilberto Mendes - Eu acabara de voltar do Festival de Darmstadt, na Alemanha —que era a meca dos compositores. Influenciado pela Neue Musik (pronuncia-se “nóie muzik”, e significa, em alemão Música Nova) de Darmstadt, fiz em 63, o que chamei de 2º Festival Música Nova. Em 64, apesar da ditadura militar, conseguimos realizar a terceira edição do festival.

Folha - Por quanto tempo o evento deixou de acontecer?

Mendes - Com a ditadura, entrou um interventor militar e ficamos parados por três anos. Em 1968 conseguimos retomar o festival ininterruptamente até hoje.

Folha - Houve problemas políticos?

Mendes - Junto com os cursos latino-americanos de música contemporânea —um evento itinerante, criado no Uruguai, mas que também aconteceu em países como Venezuela e República Dominicana—, o Música Nova teve um caráter velado de resistência de esquerda às ditaduras na América Latina. Durante alguns anos, um policial federal era escalado para vigiar o festival. Espero que ele tenha aprendido a gostar de música.

Folha - O Música Nova ainda é um festival de Neue Musik?

Mendes - Originalmente era. Hoje, a Neue Musik não existe mais. A coisa se abriu para uma diversidade de grande. Apresentamos coisas que têm a ver com aquilo, mesmo em oposição. Veja, por exemplo, Philip Glass: suas repetições insistentes são uma oposição muito clara à não-linearidade que foi uma marca da Neue Musik. A mesma coisa acontece com o Górecki: ele retoma o melodismo, mas nota-se que passou por Darmstadt, e não chega jamais, por exemplo, a cair na quadratura (organização da melodia por número par de frases todas de tamanho igual). Ambos têm uma simplicidade de quem já foi cerebral.

Folha - Se a Neue Musik acabou, qual a linha estética do festival?

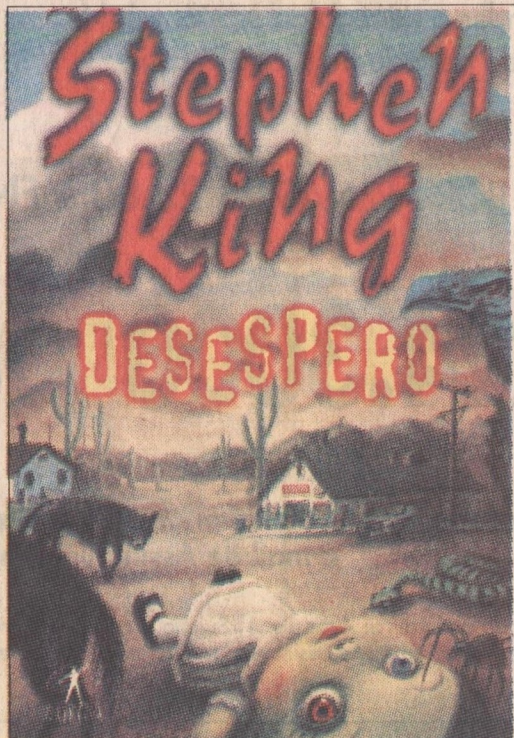
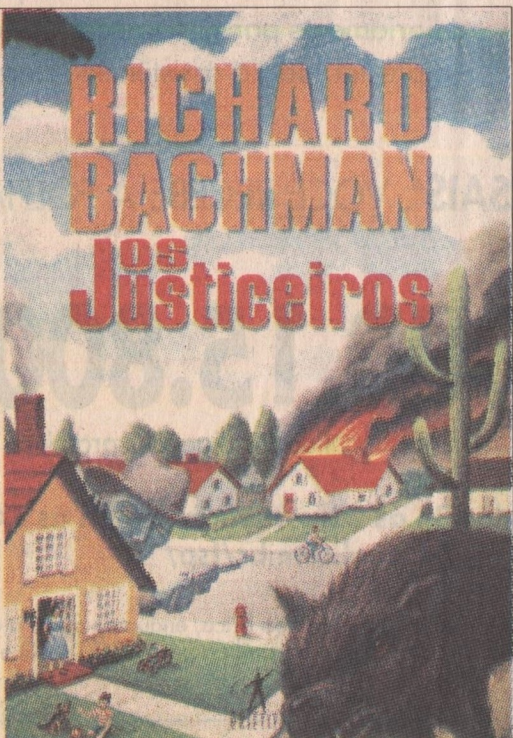
Mendes - Trazemos músicos atualizados, que acabam escolhendo o que há de mais novo em tendências contemporâneas. O italiano Giacinto Scelsi, que hoje está na moda, é tocado no Música Nova há 12 anos. O mesmo aconteceu com Conlon Nancarrow, John Cage e tantos outros. Não há uma rigidez estética. É um festival para todos os gostos.



OBJETIVA

SE VOCÊ GOSTAR DESTA LÍVRO,
LEIA TAMBÉM O DO ANÚNCIO AO LADO.

Dois livros com os mesmos personagens, em histórias e mundos completamente diferentes. Não perca os mestres do suspense, Stephen King e Richard Bachman, em um projeto inovador. Os Justiceiros. 320 páginas. R\$24,00. Já nas livrarias ou pelo Disque Objetiva: 0800-224466, ligação gratuita. Internet: <http://www.objetiva.com>





OBJETIVA

SE VOCÊ GOSTAR DESTA LÍVRO,
LEIA TAMBÉM O DO ANÚNCIO AO LADO.

Dois livros com os mesmos personagens, em histórias e mundos completamente diferentes. Não perca os mestres do suspense, Stephen King e Richard Bachman, em um projeto inovador. Desespero. 544 páginas. R\$38,00. Já nas livrarias ou pelo Disque Objetiva: 0800-224466, ligação gratuita. Internet: <http://www.objetiva.com>